

PRÊMIO DE CRÍTICA LITERÁRIA FERREIRA DE CASTRO – EDIÇÃO 2010
3º LUGAR
MEMÓRIA E ESCRITA NA OBRA DE FERREIRA DE CASTRO
UMA LEITURA POSSÍVEL D'A SELVA

Juliana da Costa Teodolino ¹

O instrumento definitivamente socializador da
memória é a linguagem.
Ecléa Bosi

Tão fatigado me sentia por essa nova fusão com a
vida dos seringais, tão doloroso me fora beber, na
transposição literária, do meu próprio sangue [...].
Ferreira de Castro

A selva: uma escrita em descoberta

Na intrínseca relação entre memória e escrita, entre o factual e o ficcional, é que habita o romance *A selva*, de Ferreira de Castro, escrito em 1926, mas só publicado em 1929, durante a amarga experiência do exílio sofrida pelo autor durante a recém-instaurada República em Portugal (1910). A emigração lusitana no início do século XX foi um fenômeno alarmante, na medida em que diante de uma república ultra-instável, o camponês e a população pobre das cidades só viam através do exílio a possibilidade de crescimento econômico, e com isso, grande parte da população, principalmente, provenientes da região do Algarve, emigra para países como o Brasil em busca de fortuna.

Não distante disso, Ferreira de Castro (1898-1974) emigra para o Brasil com a promessa de fortuna na Amazônia, pois seu tio também a conseguira no mesmo local. Ao chegar, desilude-se de qualquer possibilidade de riqueza, pois o que lhe restou foi o trabalho como caixeiro-viajante e outros

três empregos que nada lhe acrescentaram. Seringal Paraíso: é para lá que Alberto é intimado pelo seu tio a ir após dois meses de desemprego no Brasil. Afirmando ser de sua vontade, é na mente do narrador que circundarão suas verdadeiras opiniões:

Não o atraíam esses rios de lendárias fortunas, onde os homens se enclausuravam do Mundo, numa labuta de martírio para a conquista do ouro negro – e até onde os ecos da civilização só chegavam mui difusamente, como de coisa longínqua, inverossímil quase. (CASTRO, 1968, p. 37)

No início da viagem, são “olhos leigos” os de Alberto. Acomoda-se como é possível, entre redes, indígenas, nordestinos e estrangeiros conduzidos para a mesma promessa de crescimento econômico com a exploração da borracha. Esquecem-se, porém, de que o ciclo da borracha no Brasil tem seu auge de 1890 a 1912, e a viagem que todos estavam fazendo aconteceu no ano de 1914, época, portanto, de declínio da produção. Os homens que lá se encontravam eram homens falidos, financeira e espiritualmente. A subida do rio Madeira para alcançar-se o seringal Paraíso era “lenta”, de “quinze dias bem puxados”, o que muito “impacientava Alberto”. Cada vez mais o que tinha diante dos seus olhos eram rios afinados, braços e leitões cada vez menores, que podem ser lidos como a redução passo a passo da sua condição de ser humano para membro subordinado à natureza, “[...] despersonalizando o indivíduo em prol do conjunto.” (idem, p. 57). Ao chegar à capital do Amazonas, a pausa na cansativa viagem representa para Alberto uma “lufada de ar”, Entretanto, mesmo sendo uma capital, em nada se comparava à menor vila camponesa da Europa. É, portanto, na viagem ao seringal, que as projeções de Alberto se vão ruindo lentamente. Contudo, nada se comparava ao que ainda estaria por vir. Assim, o romance vai se delineando na constante quebra dos sonhos de Alberto e dos homens ao seu redor e termina com a tênue redescoberta daqueles indivíduos, para quem a selva significa apenas o ponto de partida

para a reaprendizagem dos sujeitos.

N'A *selva*, a escrita nos conduz à sobreposição de diversas realidades e de diversos tempos: a do emigrante português, a da exploração nos seringais e a realidade esmagadora de Alberto, sendo a selva o abrigo para todos estes corpos sociais oprimidos. Entretanto, simultaneamente, a selva também é um agente opressor que elimina qualquer possibilidade de superação das situações vividas quando impõe sua grandeza e é agenciadora do medo. Isso se dá, não só pela imponência de árvores e animais, mas também porque se guarda em cada ser animal/vegetal a memória coletiva e angustiante dos homens que por lá passaram. Através de uma linguagem coloquial e tipicamente brasileira ("cuidado seu moço" ou "Intão? Qui tal é a cidade?"), a narrativa explica-nos diretamente as sensações experimentadas amargamente no ambiente da selva e da exploração desigual do ciclo da borracha no início do século XX. Não é só a selva amazônica que dá título ao romance, mas também a selva das experiências vividas e sentidas. Este ambiente pode ser encarado como um simples pano de fundo de uma história verossímil, assim como pode ser a metáfora do selvagem, do grotesco e do feio vivido, experimentado. Assim, o que rege a escrita de AS² é a memória, esta "franja movente do tempo" (HALBWACHS, 1990), promovida por um "eu-recordador", representado pela figura do narrador. Há na obra de Castro um compromisso em reconstruir esteticamente o que foi traumático para o jovem português e, por conseguinte, para os homens ao seu redor: o desprezo do tio, a vida dura nos seringais, a falta de esperança e a superação, entre outros. O romance encena a luta pela sobrevivência, único motivo pelo qual esses migrantes, principalmente os nordestinos, e emigrantes podem se orgulhar: a luta pela vida, pois já não há mais dignidade a se achar. É na selva amazônica que as suas dignidades se perdem, se misturam e são agredidas, pois

Ali tudo perdia as proporções normais. Olhos que enfiassem pela primeira vez, no vasto panorama, recuavam logo sob a sensação pesada do absoluto [...]

A selva virgem parecia querer assim castigar aquele que ousava violar o seu mistério [...] À noite, os lusíadas atracavam, acendendo fogueira na margem e ficando um de atalaia, porque a selva rugia e nenhum deles estava convencido de que as feras dali não fossem iguais às da África. (AS, p. 89-91)

Ao chegar ao seringal Paraíso, Alberto descreve sua sensação como uma “estranheza”, como algo que o causa choque e diversos preconceitos. Com o decorrer dos dias, que se tornam incontáveis, a iniciação de Alberto em si mesmo através do isolamento que a selva lhe proporcionava, permite-lhe viver a profunda experiência na arte de sobreviver naquele ambiente hostil, ainda que de modo medíocre e humilhante. A intuição, embebida do silêncio opressor dos igarapés, era a sua forma de sobrevivência. Segundo Leão (2009, p. 63), na Amazônia, o emigrante português tem sua nacionalidade diluída nos caudalosos rios diante dos princípios que regem o trabalho e o dinheiro. Possibilidades de compatriotismo e solidariedade não são permitidas àqueles homens.

O objetivo do romance não é a atuação sócio-política, no entanto, traços neo-realistas são percebidos, devido à escolha da realidade factual como matéria estética, mas não caracterizam o romance como neo-realista; o que se delinea em AS é a opressão e a ditadura da natureza, pensada no Romantismo como acolhedora e ingênua, e narrada no romance de Castro como desabrigo opressor e angustiante.

A memória coletiva esconde-se na selva: Maurice Halbwachs e “Alberto”

O testemunho da vida de Alberto, dado pelo narrador, aglutina a memória daqueles homens perdidos nos seringais, iludidos por uma suposta riqueza, não encontrada anteriormente em seus países e cidades de origem. Segundo Halbwachs (1990), o sujeito é composto pela memória individual,

inserida, por sua vez, numa memória coletiva ampla que abarque todos os corpos sociais dos quais ele faz parte. Assim, é pelo traçado da escrita de Castro, transposta na memória de um narrador onisciente, que a vida de Alberto se confundirá com a vida dos homens oprimidos ao seu redor. O sujeito reconhece-se parte de seu meio. Todo sujeito individual tem, necessariamente, em si um ser coletivo que o abarca. O romance constrói-se através da “[...] expressão dos rostos, no aspecto dos lugares e mesmo nos modos de pensar e de sentir, inconscientemente conservados [...]” (HALBWACHS, 1990, p. 68).

Para o filósofo francês, a nossa memória encontra na sociedade “[...] todas as indicações necessárias para reconstruir tais partes de nosso passado” (idem, p. 77). Ou seja, nossa memória individual e restrita vai encontrar na memória coletiva e irrestrita todos os meios necessários para se reconstruir, ainda que por meio de imagens abstratas. Para que a memória coletiva aja sobre a memória individual, há a necessidade de que os eventos coletivos se relacionem de alguma forma com os eventos individuais. Trata-se da ideia da associação por semelhança já dita por Henri Bergson (1999). São as “imagens-lembrança”³ que emergem na memória e na escrita de Ferreira de Castro.

Com essa memória coletiva transposta na selva dos inconscientes daqueles homens, Alberto constrói sua identidade e amadurece na dor, tendo ainda um longo percurso a prosseguir. O personagem é a marca da complexidade humana no romance, sintetizando em si todo o arruinamento e a angústia sofrida entre os igarapés e vitórias-régias. Ser a grande personagem do romance reserva-se à selva, que recebe adjetivos (as palmeiras vestem-se de luto, agridem a quem as ofende, entre outros) e qualificações próprias de um ser humano e que, em vez de ser a figura dominada, é a figura dominante. Contudo, é por meio da figura humana principal – Alberto – que tem por função olhar para a floresta e dar voz a ela, que a selva recebe na escrita o poder que merece. Numa escrita que se inicia por um determinado recorte de tempo, o autor não objetiva esclarecer inicialmente as intenções do romance, mas o local de destaque para a selva amazônica já se encontra no pórtico do livro:

Eu devia este livro a essa majestade verde, soberba e enigmática que é a selva amazônica, pelo muito que nela sofri durante os primeiros anos da minha adolescência e pela coragem que me deu para o resto da vida. (AS, p.16)

A floresta amazônica “[...] não aceita ser dobrada pelo trabalho do homem ocidental, independente da nacionalidade [...]” (RIOS, 2009, p. 91), porque ela própria tem sua nacionalidade, e esta não é brasileira nem lusitana, é a da selvageria que age em silêncio, corroendo e corrompendo os homens que a tentam invadir. No capítulo IV, encontramos toda uma leitura da terra amazonense em contraposição à terra lusitana, em que “evocado dali, Portugal era uma quimera, não existia talvez” (AS, p. 91). O Tejo é objeto do risível quando comparado ao rio Madeira e tantos outros rios cujos nomes todos desconheciam. Diante da selva, do silêncio que agride, do mistério inviolável dos igarapés, “[...] havia ruído o sonho que os trouxera até ali” (AS, p. 100). Diante da angústia e da ruína dos homens, pobres, humilhados e maltrapilhos, não é só a “fogueira que morria pouco a pouco”, mas também cada homem ali, principalmente Alberto, que, mesmo que saia daquele local, deixa uma parte sua enterrada ali, de forma dolorosa e silenciosa. São os homens despedaçados pela selva, que ao pó voltam e pelo vento são dispersados. Numa clara reminiscência à origem adâmica e bíblica, em que do pó somos formados e ao pó voltaremos, é na selva que os homens encontram sua essência, sua origem e a ela retornam, definitivamente. Euclides da Cunha, na epígrafe do livro, diz-nos que “realmente, a Amazônia é a última página, ainda a escrever-se, do Génesis.” Na Amazônia, há uma estrutura de forças das quais o homem não consegue se defender e a que não consegue se opor. Através do pecado original de Adão e Eva, o homem ganha o livre-arbítrio, ou seja, o conhecimento do bem e do mal. No entanto, na selva é retirado do indivíduo todo o livre-arbítrio concedido anteriormente e estes sujeitos retornam à sua condição adâmica de dependência e subordinação. Estar n’A selva é encontrar-se com a própria essência divina e humana de todos nós.

